

MIRELE PINHEIRO DO NASCIMENTO FREITAS

**NOVOS OLHARES**  
**O ENSINO DE ARTE PARA DEFICIENTES VISUAIS NO DISTRITO FEDERAL**

Brasília  
Dezembro de 2011

MIRELE PINHEIRO DO NASCIMENTO FREITAS

NOVOS OLHARES – O ENSINO DE ARTE PARA DEFICIENTES VISUAIS NO DISTRITO  
FEDERAL

Trabalho de conclusão do curso de  
Artes Plásticas, habilitação em  
Licenciatura, do Departamento de  
Artes Visuais do Instituto de Artes  
Da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thérèse Hofmann Gatti

Brasília  
Dezembro de 2011

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha família que sempre apoio meus sonhos e projetos.

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

Livro dos Conselhos

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1 – APRESENTAÇÃO</b> .....	7
<b>Capítulo 2 – JUSTIFICATIVA</b> .....	9
<b>2.1 O projeto interdisciplinar</b> .....	9
<b>Capítulo 3 – OBJETIVOS</b> .....	10
<b>Capítulo 4 - O ENSINO DE ARTES NO BRASIL E A EDUCAÇÃO ESPECIAL</b> .....	11
<b>4.1 O ensino de artes no Brasil</b> .....	11
<b>4.2 Ensino especial – Fundamentos legais</b> .....	11
<i>4.2.1 Legislação internacional</i> .....	11
<i>4.2.2 Legislação brasileira</i> .....	12
<b>Capítulo 5 – O PERFIL DA POPULAÇÃO DEFICIENTE VISUAL NO BRASIL</b> .....	13
<b>5.1 Definição de deficiência visual</b> .....	13
<b>5.2 Perfil da população portadora de necessidades especiais no Brasil</b> .....	13
<i>5.2.1 O deficiente visual no Brasil</i> .....	14
<b>5.3 Algumas considerações sobre o educando com deficiência visual</b> .....	14
<i>5.3.1 Memória visual</i> .....	14
<i>5.3.2 Sensibilidade</i> .....	14
<i>5.3.3 Baixa visão</i> .....	15
<b>Capítulo 6 - O ENSINO ESPECIAL NO DISTRITO FEDERAL</b> .....	16
<b>6.1 Estrutura e organização</b> .....	16
<b>6.2 Programas especiais</b> .....	16
<b>6.3 Centro de ensino especial – CEE</b> .....	16
<i>6.3.1 Ingresso no centro de ensino especial</i> .....	17
<i>6.3.2 Permanência no centro de ensino especial</i> .....	17
<i>6.3.3 Transferência do centro de ensino especial</i> .....	18
<b>Capítulo 7 CONHECENDO O CENTRO DE ENSINO ESPECIAL PARA DEFICIENTES VISUAIS NO DISTRITO FEDERAL – CEEDV</b> .....	19
<b>7.1 Funcionamento e organização</b> .....	19
<b>7.2 Atendimento e currículo</b> .....	19
<b>7.3 Estrutura física e organizacional da escola</b> .....	20
<b>7.4 O trabalho realizado no CEEDV</b> .....	20
<i>7.4.1 Entrevista com as professoras</i> .....	21
<i>7.4.2 Observação das aulas</i> .....	21

7.4.3 A oficina pedagógica .....	22
7.4.4 Considerações sobre o projeto interdisciplinar .....	23
<b>Capítulo 8 – METODOLOGIA .....</b>	<b>24</b>
8.1 O método .....	24
8.2 Participantes da pesquisa .....	24
8.3 Observação .....	24
8.3.1 As aulas para jovens e adultos cegos ou com baixa visão .....	25
<u>8.3.1.1 Observação da turma A</u> .....	25
<u>8.3.1.2 Observação da turma B</u> .....	26
8.4 Entrevista com as professoras .....	26
8.5 Questionário .....	26
8.5.1 Informações quantitativas .....	27
8.5.2 Informações qualitativas .....	27
8.5.3 Análise .....	29
<b>Capítulo 9 – NOVOS OLHARES .....</b>	<b>30</b>
9.1 Novos olhares no ensino de artes visuais para deficientes visuais .....	30
9.2 Desenho – Definição e conceitos .....	30
9.3 O desenho e a deficiência visual .....	31
9.3.1 Linha de contorno .....	31
9.4 Proposta de atividade pedagógica .....	31
9.4.1 Objetivos .....	32
9.4.2 Apreciação e conhecimento .....	32
9.4.3 Representação do objeto .....	32
9.5 Algumas considerações .....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>37</b>

## **CAPÍTULO I**

### **APRESENTAÇÃO**

A arte é um campo muito extenso. Seu estudo sugere os mais diversos conhecimentos. A arte educação propõe diversas linguagens dentro e fora da sala de aula. Durante o curso de graduação sempre apresentei interesse em conhecer essas linguagens especificamente no ensino especial. Durante o 5º período do curso de licenciatura em Artes Plásticas tive a oportunidade de aprofundar sobre o tema. Foi por meio do projeto interdisciplinar realizado em uma escola especializada no ensino para deficientes visuais que conheci um pouco mais sobre as particularidades da aprendizagem artística para uma pessoa não visual<sup>1</sup>. É fato que contatos esporádicos com a realidade do ensino especial não são o suficiente para conhecer e entender o processo educacional de um estudante com necessidades educacionais especiais. No entanto, pode ser o primeiro passo de estudos futuros e propostas pedagógicas como forma de ampliação de uma matéria tão nova no currículo escolar brasileiro.

Sendo o ensino de arte no Brasil algo tão recente é importante observar como esse conhecimento tem sido passado para uma área da educação tão pouco contemplada (o ensino especial). Assim, quando falamos de arte nas escolas outras questões são levantadas como as orientações curriculares, os materiais didáticos e as adaptações necessárias.

O notório interesse pelo ensino para deficientes visuais revela-se justamente pela matéria em questão: artes visuais. Como transmitir o conhecimento de elementos visuais para alunos cegos ou de baixa visão?<sup>2</sup> O estudo desse e de outros questionamentos ocasionou a oportunidade de descobrir os materiais utilizados em sala, a relação do professor com o aluno, o que os alunos pensam sobre o que é arte e qual a importância para sua vida. Também é observada como a estrutura organizacional de ensino está preparada para receber cada estudante com sua história de vida e particularidades.

Sendo o ensino de artes para pessoas não visuais um tema tão amplo o presente trabalho restringiu-se ao âmbito do Distrito Federal lugar no qual resido e estudo. Para a sua realização foi escolhida a única unidade de ensino especial no DF especializada em deficiência visual. Assim, no capítulo 2 é apresentado a motivação desse estudo e o trabalho já realizado nessa mesma escola. Após essa apresentação temos a explanação dos objetivos a serem alcançados com a realização da pesquisa de um tema tão abrangente.

---

<sup>1</sup> O termo não visual é utilizado como sinônimo de deficiência visual.

<sup>2</sup> Entende-se como deficiência visual pessoas cegas (sem percepção de luz, falta total de visão), ou baixa visão (mesmo com auxílio óptico não possui visão suficiente).

Com esse tema é impossível não comentar o histórico do ensino de artes no Brasil suas dificuldades e conquistas. Também é exposta a concepção da educação especial e a base legal. A partir disso é apresentado o perfil da população deficiente visual no Brasil e algumas considerações sobre o educando cego ou com baixa visão.

Também é registrado o ensino especial na Secretaria de Educação do Distrito Federal sua estrutura e organização. Como são atendidos os alunos e quais recursos são disponibilizados. Nesse contexto é apresentado o Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais no Distrito Federal. Sendo o relato baseado nas percepções obtidas durante a pesquisa de campo feita nessa instituição.

Os elementos metodológicos do trabalho são descritos a partir de como é feita a escolha das turmas para a observação e dos participantes da pesquisa. A proposta de análise da escola e das aulas tem o intuito de conhecer melhor a rotina escolar tanto dos educadores quanto dos educandos. Também se torna importante a escolha pela escola e a opção por um lugar que não seja de inclusão e sim de especialização. As motivações dos professores são descobertas em uma entrevista semi-estruturada. Com isso é possível perceber que a vida deles também influencia no exercício da educação. Em relação aos estudantes é proposto um questionário no qual o aluno tem a oportunidade de expressar sua opinião referente às aulas de artes, suas expectativas, facilidades e dificuldades.

Por fim são definidas as principais conclusões sobre o projeto e seus trabalhos futuros a partir da experiência vivida na escola. É apresentada uma proposta pedagógica observando-se os parâmetros curriculares nacionais e os recursos em sala. Com isso é possível traçar novos objetivos e linhas de pesquisa a partir dessa experimentação.

## **CAPÍTULO II**

### **JUSTIFICATIVA**

#### **2.1 O projeto interdisciplinar**

A motivação desse estudo se deu após a realização do projeto interdisciplinar que tinha como foco o ensino e a aprendizagem no campo das artes para alunos com deficiência visual. Esse trabalho foi realizado no Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais no 2º semestre de 2010. O projeto consistiu em três fases. A primeira foi um estudo detalhado sobre o ensino especial para cegos no Distrito Federal. A escolha pela escola foi pelo fato de ser a única instituição educacional da secretaria de educação do DF que tem como foco o ensino para pessoas cegas ou com baixa visão. Assim, conheci a instituição e os projetos realizados nela.

Em um segundo momento foi feita a observação das aulas de artes das crianças (de 5 a 9 anos) e de jovens e adultos (faixa etária diversificada). Como público-alvo foi selecionado as crianças para a realização da terceira fase do trabalho: uma oficina pedagógica. A oficina teve como base a experimentação de jogos pedagógicos no auxílio da aprendizagem de crianças não visuais.

A proposta principal da oficina pedagógica foi o contato com uma linguagem visual que é muito presente no cotidiano de um deficiente visual: a textura. A oficina era um jogo da memória de textura composto por quatro pares. As peças foram confeccionadas com plástico espesso (E.V.A.) recortado em forma de quadrado. As texturas trabalhadas foram: algodão, palito de fósforo, macarrão e bolinhas de papel. A escolha desses materiais deve-se ao fato de proporcionarem diferentes sensações táteis. É importante ressaltar a escolha do material, pois algumas crianças identificaram corretamente cada um.

Todo esse processo despertou interesse para um estudo mais aprofundado sobre o ensino para deficientes visuais. Tanto as observações das aulas quanto a entrevista com as professoras foram fundamentais para conhecer melhor o ambiente educacional. Além de tudo isso houve a experiência da oficina pedagógica. Ela foi realizada de forma individual para conhecer como o aluno iria se relacionar com o jogo. Assim, cada oficina tornou-se única. Cada criança se comportou de uma maneira diferente. Algumas com mais facilidades outras demandaram nosso auxílio. No caso do projeto interdisciplinar a grande oportunidade do jogo não foi apenas obter sensações táteis e identificá-las. Por ser um jogo a oficina foi um momento de descontração. Além disso, foi a oportunidade de conhecer o trabalho das professoras de artes. Toda a concepção da aula e das atividades propostas foi relatada por elas.

## **CAPÍTULO III**

### **OBJETIVOS**

Esse projeto tem como foco o ensino e aprendizagem no campo das artes para deficientes visuais. Várias questões foram contempladas por isso é necessário ressaltar que uma pesquisa não é suficiente para a solução das dificuldades encontradas no ensino em questão. No entanto, uma análise da situação real da educação especial pode ser um começo para uma reformulação no que diz respeito à carência que o ensino no Distrito Federal ainda possui. Para desenvolver essa proposta os seguintes objetivos foram estabelecidos:

#### **Geral:**

- Compreender a concepção do ensino e aprendizagem das aulas de artes visuais para deficientes visuais na secretaria de educação do Distrito Federal.

#### **Específicos:**

- Analisar as aulas de artes visuais para deficientes visuais no Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais;
- Identificar as propostas educacionais para o ensino especial no campo das artes;
- Compreender a percepção dos alunos do CEEDV sobre as aulas de artes visuais.

## CAPÍTULO IV

### O ENSINO DE ARTES NO BRASIL E A EDUCAÇÃO ESPECIAL

#### 4.1 O ensino de artes no Brasil

O ensino das artes no Brasil tornou-se obrigatório nos currículos das escolas de 1º e 2º graus apenas nos anos 70 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de nº 5.692/71. Tendo o ensino de arte um lugar inferior na educação escolar houve a retirada dessa matéria nas três primeiras versões da nova LDB, na década de 1980. Sempre com um caráter de “fazer artístico” ou um mero momento de lazer dos estudantes. Acreditamos que a arte educação deve ser tratada como área de conhecimento. Muito se fala sobre as diversas reformas dessa lei. É fato que alguns avanços foram alcançados. É o caso da promulgação da nova LDB, de nº 9.394, que revogou as disposições anteriores e consagrou o ensino de artes como área de conhecimento.

Com um histórico tão conturbado do ensino de artes, como o Brasil está preparado para receber o ensino especial? Com esse questionamento foi realizada uma pesquisa de campo para compreender o embasamento teórico e prático no ensino de artes da educação especial. Nessa pesquisa foi preciso conhecer como funciona o ensino especial dentro do sistema educacional do Distrito Federal e quais suas unidades, como são suas aulas, professores e alunos. Para isso foi feita uma entrevista com professores e coordenadores, acompanhamento de aulas e por fim aplicado um questionário para os alunos a fim de conhecer a opinião do principal motivador da educação.

#### 4.2 O ensino especial – Fundamentos legais

##### *4.2.1 Legislação internacional*

O direito a educação é hoje reconhecido como um dos direitos fundamentais do homem. Na Declaração Universal Dos Direitos Humanos de 1948 ela é garantida para todos sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. Desde então o ensino especial no Brasil tem passado por um processo de debates. Mesmo com essa Declaração pouco se falava das necessidades e barreiras enfrentadas na educação especial. A última década caracterizou-se pela discussão sobre questões relacionadas às deficiências e pessoas deficientes no cenário da educação. Como fruto desses debates pode-se citar avanços significativos como a Declaração de Salamanca, firmada em 1994, que questionou diversos assuntos essenciais da vida coletiva humana,

promovendo alternativas de cumprimento da proposta de ensino de qualidade para todos independente das especificidades do aluno colocando em discussão o princípio da inclusão.

#### ***4.2.2 Legislação brasileira***

De acordo com a legislação brasileira caracteriza-se a educação especial como modalidade de educação escolar, destinada aos estudantes portadores de necessidades especiais. Historicamente no Brasil essa modalidade educacional nunca foi muito prestigiada. Apenas no final da década de 1980 com a discussão sobre a nova LDB que o ensino especial ganha um capítulo exclusivo. Com a nova lei é dever do Estado o atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino. Tem-se aí uma ideia de integração do ensino regular com o especial.

Também é discutido sobre a formação dos profissionais da educação. É previsto professores com especialização adequada em nível médio ou superior e também educadores do ensino regular capacitados para a integração. Mesmo assim, as especificações são muito vagas para delinear como deve ser um profissional adequado para trabalhar no ensino especial. Pode-se dizer que o ensino especial no Brasil sempre foi uma área pouco contemplada e mesmo com a reformulação da LDB há várias lacunas sobre como essa educação deve ser realizada.

## CAPÍTULO V

### O PERFIL DA POPULAÇÃO DEFICIENTE VISUAL NO BRASIL

#### 5.1 Definição de deficiência visual

É a perda ou redução da capacidade visual em ambos os olhos em caráter definitivo não podendo ser corrigido por meio de óculos convencionais, tratamento clínico ou cirúrgico. Há também a baixa-visão na qual as condições são bem variáveis de acordo com o indivíduo. Pois existem diversos fatores a serem considerados como: fusão, visão cromática, adaptação ao claro e escuro, sensibilidades a contrastes, etc.<sup>3</sup>

#### 5.2 Perfil da população portadora de necessidades especiais no Brasil

Os dados a seguir foram obtidos no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.<sup>4</sup> Para entender melhor o perfil da população portadora de necessidades especiais no Brasil foram analisados os dados do censo 2000 pelo fato de os resultados da coleta de dados de 2010 feita pelo IBGE ainda não ter sido divulgada completamente. Os dados apresentados são levados em consideração não como números absolutos, mas sim como uma projeção da realidade vivida pela população brasileira. De acordo com o Censo 2000 14,5% da população brasileira apresenta algum tipo de incapacidade ou deficiência. São pessoas com pelo menos alguma dificuldade de enxergar, ouvir, locomover-se ou com alguma deficiência física ou mental. A maior proporção se encontrava no Nordeste (16,8%) e a menor, no Sudeste (13,1%). Percebe-se que a proporção de pessoas portadoras de deficiência aumenta com a idade: nas crianças de até 14 anos o percentual é de 4,3% já nas pessoas com idade superior a 65 anos esse dado sobe para 54%. Ou seja, à medida que a população envelhece a proporção de pessoas com deficiência aumenta.

Referente à instrução educacional 32,9% do total de pessoas com 15 anos ou mais de idade ou com até três anos de estudo são portadoras de alguma deficiência. Esse índice diminui quando se observa a partir do 1º grau completo ou com oito anos de estudo: o percentual de pessoas com deficiência chega a valores próximos a 10%. Nota-se uma possível evasão escolar. A frequência das crianças portadoras de deficiência na escola na faixa etária dos 7 aos 14 anos de idade é de 88,6% e a taxa de escolarização desse mesmo grupo também é de 88,6% sendo que esse índice em relação ao total de crianças nessa idade é de 94,5%.

---

<sup>3</sup> Fonte: Sítio do Instituto Benjamin Constant: <http://www.ibc.gov.br/>

<sup>4</sup> Fonte: Sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <http://www.ibge.gov.br>

### ***5.2.1 O deficiente visual no Brasil***

Entre 16,6 milhões de pessoas com algum grau de deficiência visual, quase 150 mil se declararam cegos. Em 2000, existiam 148 mil pessoas cegas e 2,4 milhões com grande dificuldade de enxergar. Do total de cegos a maioria era mulher: 77.900. Sendo o número de homens 70.100. Regionalmente o Nordeste concentrava o maior número de pessoas cegas: 57.400 cegos no Nordeste. Já a região Sudeste concentrava 54.600 apesar de sua população ser superior a do Nordeste. De acordo com o censo 2000 São Paulo é o estado com o maior número de cegos (23.900), seguido da Bahia (15.400).

### **5.3 Algumas considerações sobre o educando com deficiência visual**

É importante ressaltar algumas especificações dos educandos com deficiência visual, pois esses são bem heterogêneos. Devemos levar em consideração o resíduo visual que o aluno possui, caso seja baixa visão, e também o momento de aquisição da deficiência, pois um cego de nascimento não é igual àquele que adquire a cegueira ao longo da vida. Além dessas podemos citar algumas outras particularidades que devem ser consideradas no processo de aprendizagem.

#### ***5.3.1 Memória visual***

Até os cinco anos de idade a criança ainda não desenvolveu todo o seu potencial visual. Caso a perda da visão ocorra após essa faixa etária certamente o aluno conservará imagens e memórias visuais. Esse é um elemento significativo no desenvolvimento educacional na fase inicial da infância, pois é uma das funções psicológicas centrais da qual se constroem todas as outras funções. (VIGOTSKI, 1989). As crianças que nascem cegas ou perdem a visão muito cedo terão suas necessidades de aprendizagem diferentes das demais crianças.

#### ***5.3.2 Sensibilidade***

As percepções humanas não se constituem isoladamente. Elas fazem parte do sistema comportamental. (VIGOTSKI, 1989). Assim, o estudante cego tem como recurso a utilização de outros sentidos (tátil, auditivo, olfativo, gustativo e sinestésico<sup>4</sup>) na construção do conhecimento educacional e social.

O desenvolvimento individual e psicológico varia entre os indivíduos, de acordo com a idade em que ocorre a perda da visão, do grau da deficiência, dos estímulos da família, das intervenções utilizadas, e do meio em que vive. Por isso, nesse processo toda percepção e sensibilidade do educando deve ser aproveitada a fim de auxiliar nas diversas atividades realizadas.

### **5.3.3 *Baixa visão***

Há aqueles que possuem algum resíduo da visão, distinguem vultos, claridade, ou objetos a pouca distância. Essa percepção de luz deve ser trabalhada e estimulada na vida escolar e social. Um indivíduo com baixa visão possui uma significativa diminuição da intensidade da visão, redução do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades.

Essa percepção visual que restou é individual. Sua capacidade de usá-lo não depende somente da intensidade visual ou da deficiência. A mínima percepção de luz ou de vulto é importante para orientação no espaço e autonomia para locomoção.

O educador precisa compreender esse fator como um espaço de possibilidades para o estudante que possui baixa visão. Lembrando que varia de pessoa para pessoa. Seu uso pode estar restrito a apenas algumas atividades da vida diária até a utilização da leitura e escrita em tinta<sup>5</sup>, com recursos especializados (ópticos, não ópticos e eletrônicos).

## CAPÍTULO VI

### O ENSINO ESPECIAL NO DISTRITO FEDERAL

#### 6.1 Estrutura e organização

O ensino especial é uma modalidade de educação escolar ofertada na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal para estudantes com deficiência (física, intelectual, motora, visual, auditiva ou múltipla); transtorno global do desenvolvimento (TGD); altas habilidades/superdotação e surdocegueira. A educação Brasileira é baseada na inclusão educacional sendo realizada na educação básica. Por isso os alunos são matriculados nas classes do ensino regular. Cabendo à instituição educacional regular garantir o acesso à aprendizagem e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais. Apenas em casos específicos será feita a matrícula nos Centros de Ensino Especial em caráter temporário. Segundo os dados da Secretaria de Educação do DF<sup>5</sup> além do atendimento feito nas escolas de ensino especial são ofertados: salas de recursos, itinerância, classes de integração inversa, centro de apoio pedagógico para atendimento às pessoas com deficiência visual, programa de educação profissional especial, classes hospitalares dentre outros programas.

#### 6.2 Programas especiais

A secretaria de educação atua por meio de diversos programas de atendimento especializado. Cada um desses projetos educacionais visa um público-alvo de acordo com a necessidade educacional do educando. Também é observada a faixa etária e o ciclo ou série que o aluno se encontra.

#### 6.3 Centro de ensino especial – CEE

Em alguns casos as classes comuns não suprem as necessidades educativas e sociais dos alunos. Sendo mais apropriado o atendimento em instituições educacionais especializadas. Os Centros de Ensino Especial são definidos como instituições especializadas de atendimento educacional e desenvolvimento humano de estudantes com deficiência. Nesse contexto atuam profissionais qualificados, equipamentos e materiais didáticos específicos e adoção do currículo da

---

<sup>5</sup> Os dados foram retirados do sítio da Secretaria de Educação do Distrito Federal: <http://www.se.df.gov.br/>

educação básica com adaptações significativas.

### ***6.3.1 Ingresso no centro de ensino especial***

É importante ressaltar o funcionamento do CEE por se tratar de uma instituição escolar especializada no ensino especial. Lembrando que seu ingresso se dá em casos excepcionais e temporariamente. Para a matrícula e disponibilidade do atendimento são considerados alguns critérios como faixa etária, grau e amplitude das deficiências. São atendidos nos Centros de Ensino Especial:

- Estudantes que não possuam indicação imediata para a inclusão em classes comuns, em classes especiais ou em classes de integração inversa do ensino comum, tendo inclusive encaminhamento para os Centros de Ensino Especial;
- Estudantes com deficiências severas cujo atendimento requer currículo exclusivamente especial;
- Crianças do Programa de Educação Precoce: de 0 (zero) a 3 (três) anos e 11 (onze) meses;
- Integrantes de programas educacionais ou de serviços articulados com a área de Saúde e com a área de Assistência Social;
- Estudantes com transtorno global do desenvolvimento, em que o quadro clínico não permita sua permanência ou imediata inclusão em instituição educacional comum.

### ***6.3.2 Permanência no centro de ensino especial***

Os alunos podem frequentar o centro desde o nascimento até os 21 anos de idade. Após essa faixa etária o estudante é encaminhado a programas oferecidos por instituições conveniadas ou em órgãos do poder público que possam assegurar o desenvolvimento de habilidades distintas das ofertadas pela área da educação e que atendam as reais necessidades do educando.

Em caráter extraordinário o estudante acima de 21 anos de idade poderá permanecer matriculado no CEE caso não seja identificado programas públicos que promovam a participação social cidadã e a inserção no mercado de trabalho. Nessa situação o atendimento é realizado em dias e em horários alternados. As atividades realizadas devem considerar as atuais condições do estudante possibilitando desenvolver maior autonomia. Essa ação pode ocorrer de forma

interdisciplinar.

### ***6.3.3 Transferência do centro de ensino especial***

Quando fica evidenciado que o aluno não precisa mais de um currículo funcional e que ele pode trabalhar com um currículo adaptativo inclusivo indica-se a transferência do estudante do CEE. Essa constatação é feita por meio de uma avaliação realizada pela equipe pedagógica da escola com a participação familiar e com a colaboração de profissionais externos a critério do Centro ou da família. São analisadas a compatibilidade das potencialidades do aluno e suas condições e o tipo de atendimento indicado.

## CAPÍTULO VII

### CONHECENDO O CENTRO DE ENSINO ESPECIAL PARA DEFICIENTES VISUAIS NO DISTRITO FEDERAL – CEEDV

#### 7.1 Funcionamento e organização

No Distrito federal existem 13 instituições educacionais especiais. Sendo uma delas o Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais. Localizado na quadra 612 sul na Asa Sul. É no CEEDV que os alunos se preparam para frequentar as escolas integradoras. O principal requisito para estudar nessa instituição é a deficiência visual sendo assim, há alunos cegos com outras deficiências. Não há período de matrícula. A qualquer época do ano o aluno pode ser matriculado. Para isso é preciso apresentar um laudo médico comprovando a deficiência visual e depois é realizada uma entrevista com a equipe psicopedagógica.

As aulas para as crianças são oferecidas no turno da manhã e a tarde é dedicada às aulas de jovens e adultos. A escola recebe crianças desde o nascimento. É a chamada educação precoce. Após o término desse programa é feita uma avaliação cuja finalidade é analisar se o estudante está preparado para estudar na escola de integração ou se é necessário um atendimento educacional especializado. Nesse caso o estudante é encaminhado para o centro de ensino especial mais próximo de sua casa. Também há a educação infantil e a reabilitação de jovens e adultos que corresponde ao processo de alfabetização e serviços de educação profissional. Com o programa de atendimento complementar alunos matriculados em outras unidades participam de atividades no CEEDV no turno contrário ao das aulas.

#### 7.2 Atendimento e currículo

A complementação curricular específica compreende os programas necessários à educação e à reabilitação do estudante cego, surdocego ou de baixa visão. Para o estudante cego e surdocego são oferecidas aulas de: atividades da vida autônoma e social – AVAS (exercícios da vida diária como cozinhar e arrumar a casa); sorobã; escrita cursiva (prática de assinatura); orientação e mobilidade – OM (noções de mobilidade em espaços desconhecidos); digitação; e notações especiais em braile. Para o estudante com baixa visão: estimulação visual (atividade que estimula o resíduo visual); orientação e mobilidade – OM; e atividades da vida autônoma e social – AVAS.

Também são oferecidos os seguintes atendimentos: psicológico; fonoaudiológico; avaliação

psicopedagógico, realizada pelo Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem (no caso do estudante surdocego, a avaliação é feita com acompanhamento do Núcleo da Surdocegueira); apoio à profissionalização, consistindo em encaminhamento para qualificação profissional.

### **7.3 Estrutura física e organizacional da escola**

A estrutura organizacional da escola é composta pela diretoria, a coordenação da reabilitação de jovens e adultos, a coordenação da educação infantil, coordenação do ensino precoce e o CAP onde é feita a adaptação de materiais didáticos. O corpo docente é composto por 64 professores incluindo os readaptados. A média de alunos varia entre 210 a 215.

A estrutura física é adequada. Há salas para as aulas de música, xadrez, artes visuais entre outras aulas que a escola oferece. Para as aulas de educação física além de uma sala própria também é oferecida uma piscina para a educação precoce. Há também uma biblioteca na escola. O acervo tem livros em braile, em português e em áudio. O local é pequeno, mas possui alguns computadores, mesmo assim não pode acomodar muitas pessoas. Para as aulas de artes visuais são disponibilizadas duas salas. Uma para reabilitação de jovens e adultos composta por pia, forno e os materiais que os alunos costumam utilizar. A sala das crianças é bem menor composta pelos materiais que são utilizados nas aulas, tais como: brinquedos, giz de cera e tinta guache.

Um dos momentos de recreação das crianças é o intervalo. Ele ocorre na entrada da escola onde são colocados brinquedos durante o intervalo. Notoriamente é um lugar inadequado para recreação por se tratar de um pátio de entrada e saída de pessoas, pois fica próximo da recepção da escola.

### **7.4 O trabalho realizado no CEEDV**

Como já foi comentando o grande estímulo desse estudo foi meu o trabalho realizado no CEEDV. A pesquisa para a matéria de projeto interdisciplinar proporcionou uma vivência teórica e prática no contexto do ensino especial. A curiosidade pelo tema surgiu por interesse pessoal. Durante a graduação nunca foi ofertada disciplina sobre o assunto. Apenas na Faculdade de Educação são disponibilizadas matérias sobre a educação especial. Mesmo assim, cabe ao aluno a escolha de estudar ou não sobre o tema, pois para o estudante de Artes plásticas licenciatura não é obrigatório cursar essas disciplinas.

O estudo do projeto foi realizado durante o segundo semestre do ano de 2010 quando fiz algumas visitas à instituição. Inicialmente conheci o espaço físico da escola, a coordenação

pedagógica e o currículo adaptado. Nas conversas com a coordenadora foi possível perceber um mundo completamente novo, pois até então não conhecia a importância de disciplinas como mobilidade e orientação, escrita cursiva entre outras que compõe o currículo do aluno cego ou com baixa visão.

#### ***7.4.1 Entrevista com as professoras***

Na segunda etapa foram feitas as entrevistas com as professoras de artes visuais da educação infantil e da reabilitação de jovens e adultos. Foram entrevistadas as duas professoras de artes visuais da escola: a professora Jacimar que trabalha com as crianças e a professora Ângela que leciona exclusivamente para os adultos. Ambas com a formação em Artes Plásticas. Algumas questões foram colocadas para elas e de acordo com suas respostas e seus métodos educacionais as perguntas foram conduzidas. Há alguns pontos em comum entre as dificuldades e facilidades enfrentadas pelas duas professoras. Assim também como foram observadas várias particularidades no ensino até pela faixa etária dos alunos que cada educadora atende.

Uma dificuldade que foi comentada por elas foi o acesso ao material na sala de aula. Como o aparelho de som que era muito antigo e chiava bastante ou como a argila utilizada nas aulas de modelagem que era doada pela Associação de Amigos de Deficientes Visuais – AADV. Após a saída de uma funcionária da escola que participava da AADV as doações foram encerradas. Nesses dois casos as educadoras compraram o material necessário para a realização das aulas.

Também comentaram sobre o relacionamento com os educandos. Demonstraram preocupação em conhecê-los. Isso foi perceptível ao observar o cotidiano da sala de aula. Ambas preferem o ensino especial. Um dos motivos ressaltados por elas são o retorno e carinho dos alunos.

#### ***7.4.2 Observação das aulas***

No Projeto interdisciplinar tanto as aulas das crianças quanto dos adultos foram observadas. Nesse caso a intenção era conhecer de modo geral a concepção das aulas de artes nas diferentes faixas etárias.

Na sala de aula da educação infantil há no máximo dois ou três alunos. A idade das crianças varia de 05 a 09 anos. Na reabilitação EJA as aulas são individuais sendo os alunos recebidos na faixa dos 20 aos 70 anos de idade. A grande conclusão dessa observação é que cada aula é única. Cada aluno tem sua particularidade, alguns apenas cegos outros também autistas, sem contar os alunos que não são cegos congênitos.

O ritmo das atividades é determinado pelo próprio aluno, ele pode ficar vários dias fazendo um mesmo trabalho ou realizar mais de um exercício em uma mesma aula. O foco da aula de artes para as crianças é a preparação para o braile. Assim, eles trabalham com brinquedos pedagógicos, massinhas e texturas. Já no ensino para adultos têm-se uma ideia utilitária. Eles produzem vasos, mosaicos, entre outros trabalhos de seu próprio interesse. É claro que há o foco também no braile. A coordenação pedagógica indica o aumento do número de aulas de artes para o estudante adulto quando percebe pouca percepção tátil.

### **7.4.3 A oficina pedagógica**

A metodologia utilizada no trabalho mencionado foi uma pesquisa de campo na qual as pessoas implicadas participassem de forma ativa do estudo. Assim, não foi obtido apenas um levantamento de dados. Também foi realizada uma experiência pedagógica com o intuito de que todos os envolvidos pudessem vivenciar uma proposta para as aulas de artes visuais para deficientes visuais. O objetivo principal da oficina pedagógica é o contato com uma linguagem visual que é muito presente no cotidiano de um deficiente visual: a textura. A importância do exercício de diferenciação de textura é algo recorrente na educação infantil.

Para a oficina pedagógica foram escolhidas as crianças como participante sendo a faixa etária de 5 a 9 anos de idade. Isso se deve ao fato de que as aulas da educação infantil são no turno da manhã sendo compatível com o horário disponível para pesquisa. A atividade foi um jogo da memória. Inicialmente teria dez pares de texturas, mas com a orientação da professora Jacimar foi reduzido para quatro pares. De acordo com ela além do exercício ficar mais complexo devido ao número de peças algumas crianças poderiam demorar muito para resolução. As peças foram feitas com plástico espesso (E.V.A.) recortado em forma de quadrado. As texturas trabalhadas foram: algodão, palito de fósforo, macarrão e bolinhas de papel. A escolha dos materiais foi muito importante. Além de observar os cuidados com a segurança dos estudantes há a importância da referência de materiais do cotidiano dessas crianças. Proporcionando a utilização da memória tátil.

Assim como as aulas cada oficina foi única. A professora aconselhou que a oficina fosse feita individualmente para conhecer como o aluno iria se relacionar com o jogo. Por tanto não houve foco na interação entre as crianças durante a brincadeira. Trata-se de um momento entre a criança e a resolução do próprio jogo. Mas o fator principal que ajudou a optar pela oficina individual é o comprometimento que cada aluno tem além da cegueira.

Algumas crianças facilmente resolveram e identificaram os materiais. Outras tiveram uma grande dificuldade de concentração. Todas as crianças que participaram da oficina se motivaram a

descobrir as peças. Elas conversavam e comentavam sobre o jogo. Durante a atividade alguns alunos associaram a percepção a um cheiro, ou a uma memória tátil. Eles cheiravam as peças (sentiam o cheiro de cola) e dizia que elas estavam molhadas. Apenas um aluno não quis continuar. Era no último horário e ele estava cansado e com muito sono. Optamos por parar a brincadeira, pois a proposta era ser um momento de descontração.

O fato de ser uma pessoa desconhecida dentro de sala também foi uma atração para as crianças. Elas não ficaram preocupadas se a professora estava ausente ou não. No entanto, a confiança teve que ser conquistada em alguns momentos. O grande objetivo da oficina não foi apenas a oportunidade de obter sensações táteis e identificá-las. Por ser um jogo também representou um momento de descontração.

#### ***7.4.4 Considerações sobre o projeto interdisciplinar***

Essa pesquisa foi o primeiro passo para conhecer a estrutura do ensino especial do Distrito Federal. É claro que não foi possível delinear todas as facilidades e dificuldades. Mas o contato com os estudantes, professores e equipe pedagógica são fundamentais. São eles que constituem o processo educacional. Quem conhece as carências e melhoras da estrutura. Para conhecer o ensino especial é necessário conhecer quem atua nele.

Com relação à arte educação é importante observar a percepção tátil na vida de uma pessoa não visual. É por meio de outros sentidos que a educação será constituída. As diferentes formas de abordagem de um conteúdo são essenciais. Os elementos de linguagem visual também devem fazer parte da vida de cada um desses educandos. É preciso pensar como será passado o conhecimento e qual a melhor forma de adaptação caso seja necessário.

## **CAPÍTULO VIII**

### **METODOLOGIA**

#### **8.1 O método**

Tendo como parâmetro a observação feita na disciplina Projeto Interdisciplinar optei para a realização do trabalho de diplomação a pesquisa de campo como procedimento metodológico. A busca pela informação foi feita diretamente com as pessoas envolvidas com o ensino especial de artes visuais.

A pesquisa de campo foi composta por observação da escola e das aulas. Entrevista com a coordenadora pedagógica e com professores e a aplicação de um questionário para os alunos.

Foram utilizados instrumentos abertos e semi-estruturados. O intuito foi realizar uma análise na qual as pessoas implicadas pudessem emitir de forma livre sua opinião sobre o ensino de artes visuais para estudantes cegos ou com baixa visão.

#### **8.2 Participantes da pesquisa**

Os participantes da pesquisa foram selecionados em conjunto com a professora de artes da educação infantil. Como o foco da pesquisa tem a livre expressão de alunos e professores sobre o ensino de artes foram escolhidos os alunos da reabilitação de jovens e adultos, pois essa modalidade de ensino tem como característica a faixa etária de idade bem diversificada.

Como proposta inicial a entrevista seria realizada com a professora de artes visuais dos adultos. No entanto, por motivos de saúde ela permanece afastada das atividades de trabalho até o fim deste ano.

De qualquer modo, foi necessário entender o cotidiano escolar desses estudantes para melhor compreensão de suas ideias e opiniões. Assim, foi feita uma entrevista com as duas professoras regentes da reabilitação EJA. São elas que passam a maior parte do tempo com esses alunos. Conhecendo de forma detalhada particularidades deles.

#### **8.3 Observação**

A observação do espaço físico foi feita de forma parcial durante as visitas a escola. A

estrutura não mudou em relação ao ano anterior. Apenas algumas aulas que eram realizadas em determinadas salas foram trocadas. É o caso das aulas de artes visuais das crianças e dos adultos que até o ano passado eram realizadas na mesma sala. Desde o início desse ano foram reservadas diferentes salas para essas atividades.

Como já foi comentado anteriormente a professora de artes dos adultos estava afastada durante o período da pesquisa de campo. Por esse motivo essa disciplina estava suspensa até o retorno dela. Assim, não houve a oportunidade de observação das aulas de artes visuais e nem de uma entrevista com a professora.

Nessa situação fui convidada por uma das professoras regentes da turma de reabilitação a observar suas aulas. De acordo com ela estaria mais próxima do cotidiano escolar dos estudantes. Pois há especificidades no material e na forma de transmissão do conteúdo.

### ***8.3.1 As aulas para jovens e adultos cegos ou com baixa visão***

São duas turmas dedicadas ao ensino de jovens e adultos. Uma é destinada a transferência braile e a outra é a reabilitação que corresponde ao primeiro ciclo da educação de jovens e adultos – EJA. Para facilitar a coleta de dados elas foram denominadas de turma “A” e “B” respectivamente.

#### **8.3.1.1 Observação da turma A**

Essa turma é composta por 7 alunos sendo 1 deles com baixa visão. Cada um deles tem uma atividade específica. De acordo com a professora regente todos se encontram em níveis diferentes. Os horários também são distintos. Enquanto a maioria da turma está na sala outros saem para a aula de educação física, música etc. Assim, dificilmente todos estão juntos no mesmo horário. O horário do turno vespertino começa às 13h30min e termina às 17h30min. Mas antes do final da aula muitos já vão embora.

Na turma “A” a professora tem o auxílio de uma monitora. Elas passam pelas carteiras para conferir a resolução dos exercícios e se há dúvidas. Alguns alunos são mais autônomos, outros necessitam de maior acompanhamento. Normalmente a dificuldade é na leitura do braile. É importante ressaltar que não foi identificada orientação entre os pares.

A turma é bem dinâmica. Eles são amigos e demonstram muito carinho pela educadora. Um fato interessante é que os alunos mais introspectivos costumam usar a máquina de escrever braile ao invés de escrever manual.

### **8.3.1.2 Observação da turma B**

NA turma “B” ha 7 estudantes cegos e 3 com baixa visão. Cada um tem o seu lugar de sentar. Eles mesmos escolhem seus lugares. Inclusive deixam os materiais guardados na própria sala.

A participação concentra-se entre o aluno e o professor. Isso se deve ao fato de cada um possuir uma tarefa diferente. De qualquer forma há auxílio entre eles.

A professora demonstra ter uma relação íntima com a turma. As conversas tendem a ser sobre a vida pessoal dos estudantes. No momento das atividades ela passa por cada um para acompanhar a resolução dos exercícios e costuma dar exemplos do cotidiano a fim de facilitar o aprendizado.

## **8.4 Entrevista com as professoras**

O perfil das professoras entrevistadas é bem distinto. A educadora da turma “A” leciona no CEEDV ha menos de um ano. Sua formação é licenciatura em Letras – Português. Até então nunca tinha tido contato com o ensino especial e com a educação de jovens e adultos. Inclusive ela estuda o braile para poder ensinar aos seus alunos. De acordo com ela a maior facilidade de seus alunos é na escrita do braile. Ela diz preferir trabalhar com o ensino especial e com adultos.

Formada em pedagogia a professora da turma “B” trabalha com deficientes visuais há 21 anos dentro e fora da sala de aula. Ela disse que as adequações no material escolar são essenciais para o seu trabalho. Muitas vezes ela utiliza a apostila do 1º ciclo do EJA e transfere os exercícios para o braile. A experiência do aluno adulto também é levada em consideração. Ela acha essas vivências essenciais para o aprendizado. Assim como a outra professora também prioriza a educação especial.

## **8.5 Questionário**

Todos os alunos das duas salas foram convidados a participar de forma ativa da pesquisa por meio de um questionário. Sendo composto por 12 perguntas abertas relativas às aulas de artes e a vivência com o mundo da arte antes e depois de entrar no CEEDV. Características das turmas selecionadas:

Turma A

- Composta por 7 alunos;
- Todos responderam ao questionário;
- Apenas um aluno possui baixa visão;
- A média de idade da turma é de 42,7 anos.

#### Turma B

- Composta por 10 alunos;
- 8 alunos responderam ao questionário. Um dos alunos estava doente e o outro faltou durante o período da pesquisa de campo;
- 3 alunos possuem baixa visão, sendo que apenas um deles respondeu ao questionário;
- A média de idade da turma é 52,5 anos.

#### **8.5.1 Informações quantitativas**

Do grupo de alunos participantes da pesquisa mais de 66% estudam há mais de um ano no CEEDV. Sendo que apenas 33,33% declararam ter contato com a arte antes de entrar na escola. 20% não soube reconhecer que tipo de benefício o estudo da arte pode ajudar na vida social e 13,33% não demonstraram certeza das possibilidades do conhecimento dessa área

Sobre as aulas de artes mais de 53% afirmaram não sentir dificuldades durante as atividades e exercícios realizados em sala. Mesmo assim, o índice de estudantes que admitiram ter dificuldades é de 46,66%. Mais da metade dos entrevistados, cerca de 70%, disseram que gostam das aulas de artes. Algumas questões sobre o desenho também foram levantadas: 40% dos estudantes já tiveram algum tipo de contato com o desenho durante as aulas, mas nenhuma das atividades foi realizada nas aulas de artes. Apesar de que 53,33% dos entrevistados afirmarem ter interesse pelo estudo do desenho.

#### **8.5.2 Informações qualitativas**

Aqueles que declararam ter contato com a arte antes de ingressar no CEEDV normalmente trabalharam com artesanato. Apenas um não é envolvido com trabalhos manuais. Nesse caso o aluno diz que sempre teve o costume de frequentar as exposições realizadas na ABDV (Associação Brasileira de Deficientes Visuais).

A maioria dos alunos ao ser questionados qual sua opinião sobre o significado da arte tentou conceituar como algo bom, mas não conseguiram desenvolver a questão: “Na nossa escola a arte é muito proveitosa” disse um dos entrevistados. Muitos também relacionaram a uma atividade terapêutica e de distração. Outros afirmaram que “arte é mexer com barro” referindo-se a principal atividade realizada durante as aulas.

Os alunos que disseram não gostar das aulas de artes alegaram que é muito repetitiva. Que são poucas as opções de atividades: modelagem com barro, mosaico de cerâmica e um jogo de quebra-cabeça. A maioria dos que disseram não gostar de fazer mosaico são cegos congênitos. Afirmaram que é muito complicado escolher as cores que vão usar. Outros acham o quebra-cabeça uma atividade muito infantil já em relação ao barro alguns admitiram dificuldades em fazer a modelagem.

Com relação às expectativas com as aulas alguns entrevistados falaram de mudanças e atividades novas, outros esperam a obtenção de alguns materiais que faltam na escola. Apenas dois alunos afirmaram querer aprender mais, outros dois disseram que esperam que continue da mesma maneira e um dos estudantes afirmou não ter expectativas e que só vai à aula para passar o tempo.

Sobre as atividades realizadas nas aulas mais da metade dos entrevistados afirmaram que atualmente não sentem dúvidas durante as aulas. Desse grupo alguns comentaram que no início é comum ter algumas impedimentos principalmente no que se refere a coordenação motora. Quanto aos que afirmaram ter dificuldades alguns disseram que acha o uso do barro difícil, outros falaram que sentem dificuldades em fazer o acabamento das peças e também os detalhes e um aluno de baixa visão disse sentir dificuldade na escolha das cores e que precisa do auxílio da professora.

Com relação às facilidades muitos citaram os exercícios propostos de mosaico, barro e quebra-cabeça. Vários ressaltaram que não precisam mais da ajuda da professora: “tenho muita facilidade. Ela nem me ensina mais”. Dois alunos citaram que têm muita facilidade durante as aulas devido à memória visual.

Foi questionado se eles teriam alguma preferência de material para utilizar. No primeiro momento muitos não souberam responder. Disseram que não conheciam muita coisa: “Não sei. Só tenho contato com o barro durante as aulas. Não consigo pensar em mais nada”. A maioria falou sobre materiais bem conhecidos como o barro, a cola e a tesoura. Poucos foram além e citaram instrumentos que gostam e que acham que poderiam usar durante as aulas: “eu gosto de tecido, flores e barbante”. Talvez muitos não souberam responder com precisão pois não foram estimulados a ter esse tipo de experiência.

### **8.5.3 Análise**

Percebe-se que a maior referência de arte para esse grupo é o barro, a modelagem e a escultura. Sendo difícil se distanciar dessa ideia. O fato de grande parte não ter tido pouca ou nenhuma experiência artística ao longo da vida também implica na dificuldade de conceituação sobre o que é arte. Sendo esse um tema que poderia ser trabalhado em sala.

Esse mesmo pensamento dificulta os estudantes a pensarem em possíveis materiais a serem trabalhados. A referência ao barro é constante. Nota-se uma carência na apresentação das linguagens artísticas.

Um dado preocupante é sobre a influência dessa disciplina na vida diária. Sempre com um viés utilitário ou de lazer. Para muitos deles essa questão limita-se a sensibilidade tátil. Em nenhuma resposta foi colocada a apreciação artística.

Como já mencionado o desenho nunca foi trabalhado na aula de artes. Inclusive alguns educandos acham que não se pode desenhar sendo cego. É importante ressaltar o papel do educador nos momentos em que o próprio educando se limita ao aprendizado. É necessário quebrar essa barreira.

## CAPÍTULO IX

### NOVOS OLHARES

#### 9.1 Novos olhares no ensino de artes visuais para deficientes visuais

É necessário um novo olhar sobre o ensino especial e a transmissão do conteúdo previsto para cada faixa etária. Nas artes visuais há vários temas a serem trabalhados. Foi exposto pelos alunos do CEEDV que a exploração de novas temáticas, materiais e atividades são escassos. Criando até mesmo uma barreira no aprendizado. Como já relatado anteriormente alguns estudantes acham que não podem desenhar por serem cegos. Talvez a limitação visual tenha possibilitado esse tipo de pensamento ou a falta de propostas com o desenho possa ter demonstrado essa ideia. Por qual motivo não desenhar? E quais os métodos de representação são possíveis para um não vidente? É fundamental entender a importância do desenho na vida desses educandos.

Como uma aula de artes visuais não contém uma expressão tão cotidiana nas experiências humanas? A relação com o desenho nas vivências do ser humano é presente desde a infância. Vigotski (1989) reconhece o surgimento do desenho já nos primeiros anos de vida quando o ato de desenhar torna-se algo habitual após o progresso da linguagem falada na vida da criança.

No caso do estudo realizado no CEEDV a faixa etária pode ser um motivo questionador para não serem realizados estudos de desenho. Muitos poderiam achar uma experiência infantil. No entanto, mais da metade dos entrevistados afirmaram ter interesse pelo desenho. Outro ponto importante é o viés utilitário das atividades. A coordenadora pedagógica relatou que a grande intenção de trabalhar o barro com os estudantes adultos é aguçar a percepção tátil. A prática do desenho também pode melhorar a coordenação motora do educando. O que facilita no uso da reglete e punção (instrumentos utilizados para a escrita do braile) <sup>6</sup>.

#### 9.2 Desenho – Definição e conceitos

Nesse estudo o desenho refere-se à reprodução de objetos e ações com o fechamento de planos por meio de linhas de contorno e o uso simples da linha. É possível desenhar no espaço criando pontos, linhas e planos. O ato de desenhar não se limita ao papel como suporte e nem ao

---

<sup>6</sup> A reglete é uma régua dupla, que abre e fecha com apoio de dobradiças no canto esquerdo, e em cuja abertura é destinada ao papel, sendo fixado entre a régua superior e a inferior. O punção pressiona o papel formando os pontos que formam as letras.

lápiz como instrumento. As representações gráficas<sup>7</sup> podem ser feitas por meio de diversos materiais. Um desenho pode ser feito com lã e cola.

Também é considerado um veículo de expressão que permite o desenvolvimento da capacidade criativa e artística. Vigotski (1989) afirma que além de ser um registro do gesto o ato de desenhar ocasiona o desenvolvimento do simbolismo.

### **9.3 O Desenho e a deficiência visual**

A partir da imagem é possível conhecer objetos e espaços. Apenas com o olhar sabemos o tamanho, a forma e a largura de um objeto. Toda essa compreensão pode ser realizada por meio da visão. É claro que com outros sentidos podemos perceber o cheiro, a textura entre outras características. No caso do indivíduo cego é necessário construir uma noção totalizadora dos objetos e espaços. De modo tátil é possível compreender as bordas e linhas de contorno, tamanho, peso e espessura dos objetos. Essa experiência permite entender várias configurações.

#### ***9.3.1 Linha de contorno***

É uma linha imaginária que determina as bordas de superfície dos objetos. O sentido das formas permite intuir essa linha por meio do tato ou da visão. Se a linha de contorno de um determinado objeto pode ser percebida pelo tato então é possível representar esse objeto por meio da reprodução dessa linha. Assim, temos a transposição do objeto tridimensional para a representação bidimensional.

### **9.4 Proposta de atividade pedagógica**

Nesse estudo será apresentada uma proposta pedagógica que pode ser realizada no contexto educacional como o dos alunos participantes dessa pesquisa. A temática da atividade é o desenho. A escolha por esse conteúdo é pelo fato de a representação gráfica ser algo tão presente no cotidiano das pessoas. Além disso, diversas linguagens artísticas tem como base o desenho. Outro fator importante observado é que a apostila de artes indicada pela secretaria de educação para o primeiro ciclo da educação de jovens e adultos que corresponde à turma de reabilitação EJA do ensino especial no Distrito Federal tem como um dos conteúdos “Arte e Figura Humana”. Assim, no

---

<sup>7</sup> Usa-se representação gráfica como sinônimo de desenho.

próprio material que alunos e professores do CEEDV tem acesso há referência ao estudo do desenho. No entanto, nenhum participante da pesquisa mencionou o uso da apostila pela professora de artes. O público alvo para essa atividade são os alunos das turmas de transferência braile e reabilitação de jovens e adultos. Sendo a faixa etária bem diversificada (20 a 70 anos).

#### ***9.4.1 Objetivos***

O objetivo principal do exercício é o contato com o desenho, visto que os estudantes entrevistados demonstraram possuir poucas vivências com essa linguagem artística. Nesse sentido podem ser trabalhados vários conceitos sobre a representação gráfica inclusive dentro da história da arte. Além disso, a prática de atividades que incitam a produção de desenhos favorece a coordenação motora e a potencialidade criativa.

#### ***9.4.2 Apreciação e conhecimento***

Como proposta inicial o estudante é convidado à apreciação de um determinado objeto. O que determina a escolha do objeto a ser apreciado é o seu material. Também é interessante trabalhar com instrumentos do cotidiano dos alunos. No caso dos alunos do CEEDV podemos explorar as próprias vivências das aulas de artes. Os vasos produzidos por eles podem ser apreciados nessa atividade. Independente da sua forma ao passar as mãos por esse objeto é possível perceber as linhas de contorno.

#### ***9.4.3 Representação do objeto***

Após o entendimento da linha de contorno pode ser feita a representação bidimensional do objeto a partir da reprodução das linhas reconhecidas. É nesse momento que surge o método de representação. Pois serão representadas as formas percebidas no papel. O uso do lápis pode ser uma escolha, mas não é o único meio. De qualquer forma é importante a formação livre de linhas e planos. Remetendo aos benefícios para a coordenação motora.

Nesse caso é necessário sentir o desenho. Nessa parte da atividade é feita a representação gráfica em alto relevo daquele objeto identificado no início do exercício. O instrumento indicado para a produção desse desenho é a lã e a cola. Dessa forma o sentido da representação gráfica para esses alunos não se restringe a abstração. Além disso, os planos criados no papel podem ser preenchidos com a própria lã ou com outros materiais. A composição é de livre escolha do

educando. Durante a pesquisa realizada no CEEDV muitos estudantes questionaram o fato de não poder saber o que desenham. É importante ressaltar a ideia de relevo nas produções artísticas. Para o deficiente visual desenhar também pode ser a representação de algum gesto ou de um objeto.

### **9.5 Algumas considerações**

É necessária a busca das adequações das atividades realizadas em sala. A atividade apresentada propõe uma alternativa para o ensino do desenho. É fato que há várias formas de trabalhar uma mesma temática dentro de sala de aula e também a partir dela desenvolver novas propostas. O foco não é a mera reprodução de objetos, mas sim a compreensão do que está ao redor do aluno. Vigotski (1989) diz que inicialmente a criança desenha de memória. Com o educando cego essa atividade permite trabalhar a memória sensorial. A percepção tátil é importante tanto no momento da apreciação do objeto quanto na produção do desenho em relevo.

No processo educativo é importante não apenas a preparação das adaptações dos exercícios, mas também conhecer os próprios alunos. Durante toda a pesquisa de campo foi evidenciada a necessidade de compreender a história desses estudantes e no caso dos jovens e adultos a respeitar as vivências adquiridas ao longo de suas vidas. Colocar todos esses elementos dentro do processo de ensino e aprendizagem é trazer um novo olhar para o ensino de artes visuais para deficientes visuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi apresentado como funciona uma pequena parte do ensino especial no Distrito Federal tendo como foco as artes visuais para estudantes cegos ou com baixa visão. A livre expressão dos alunos foi necessária para entender suas necessidades. Os questionamentos levantados por eles proporcionou o conhecimento da opinião de quem está estritamente envolvido no processo educacional, ou seja, o próprio educando.

A partir da pesquisa desenvolvida compreendeu-se não apenas a importância tátil na vida de uma pessoa não visual. Mas as diferentes formas de abordar o conhecimento. Os elementos de linguagem visual também devem fazer parte da vida de cada um deles. É necessário pensar como será passado o conhecimento e qual a melhor forma de adaptação caso seja necessário.

Os resultados permitiram visualizar a importância de conhecer a opinião dos alunos. É interessante trazer novos conteúdos e possibilidades. O arte educador precisa criar estratégias e adaptações que utilizem diferentes meios de comunicação e linguagem. A variedade de instrumentos e materiais também é necessária. O estudo do desenho é um conteúdo que pode desvincular a ideia de que as artes visuais é relacionada apenas a visualidade. Isso é importante, pois muitas vezes o próprio estudante se restringe achando que não poderá executar alguma atividade por ser cego.

O professor de artes visuais deve ser preparado para atuar com os diversos segmentos e demandas do ensino formal e especial. Na nossa formação universitária ainda há várias carências quanto às realidades do ensino especial. Como futura professora de artes acredito que este campo ainda merece ser melhor abordado na nossa formação.

A construção do conhecimento da arte não pode ser baseada apenas na sua função utilitária ou terapêutica. A arte no ambiente educacional precisa ser entendida por meio da apreciação artística. Ela deve ser inserida como uma forma de refletir, sentir e imaginar as sensações humanas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARBOSA, A. M. (Org.). Ensino de Arte: Perspectivas com Base na Prática de Ensino. In: BARBOSA, A. M. (Org.). Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo, Cortez, 2002. p. 161-174.
2. BARBOSA, A. M. (Org.). Entre Memória e História. In: BARBOSA, A. M. (Org.). Ensino da Arte: Memória e História. São Paulo, Perspectiva, 2008. p. 1-26.
3. BRASIL. Mec. LDBEN. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996.
4. CONAE. Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: O Plano Nacional de Educação, Diretrizes e Estratégias de Educação. Coletânea de Textos da CONAE. Organização da RME. 2010.
5. DUARTE, M. L. B O Desenho como Elemento de Cognição e Comunicação Ensinando Crianças Cegas. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt16/t1612.pdf>> Acesso em: 10/09/11.
6. FERREIRA, J. R. A Nova LDB e as Necessidades Educativas Especiais. Caderno CEDES vol.19 n.46. Campinas, set. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621998000300002&script=sci\\_arttext.](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621998000300002&script=sci_arttext.)> Acesso em: 20/10/11.
7. HERNÁNDES, F. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
8. IBC. Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <<http://www.ibr.gov.br/>> Acesso em: 12/10/11
9. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 30/09/11
10. OLIVEIRA, M. O. (Org.). Arte da Docência em Arte: Desafios Contemporâneos. In: OLIVEIRA, M. O. (Org.). Arte, Educação e Cultura. Santa Maria, UFSM, 2007. p. 231-249.
11. OMOTE, S. (Org.). Inclusão: da Intenção à Realidade. In: OMOTE, S. (Org.). Inclusão: Intenção e Realidade. Marília, Fundepe, 2004. p.1-9.
12. RAPOSO, P. N. O Impacto do Sistema de Apoio da Universidade de Brasília na Aprendizagem de Universitários com Deficiência Visual. Brasília, 2006.
13. SAVIANI, D. A Nova Lei da Educação: LDB, Trajetória, Limites e Perspectivas. 2ª Ed.

- Campinas: Autores Associados, 1997.
14. SEDF. Secretaria de Educação do Distrito Federal. Disponível em: <[www.se.df.gov.br/](http://www.se.df.gov.br/)> Acesso em: 30/09/11
  15. VALENTE, D. Imagens que Comunicam aos Dedos: A Fabricação de Desenhos Táteis para Pessoas Cegas, Paris: UFR 04, Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 2008. Disponível em: <<http://anpap.org.br/2008/artigos/094.pdf>.> Acesso em: 07/ 09/11.
  16. VIGOTSKI, L.S. A Formação Social da Mente. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

## ANEXOS

### Anexo A – Fotos da Oficina do Projeto Interdisciplinar



Figura 1



Figura 2

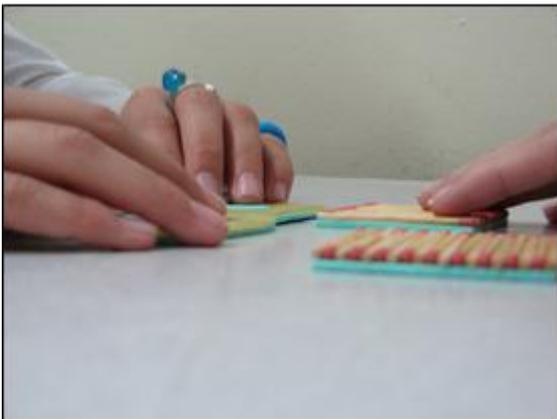


Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

## **Anexo B – Roteiro das Observações em Sala de Aula**

Roteiro de Observação:

- Disposição das pessoas em sala;
- Participação do aluno;
- Quais as atitudes e expressões do professor em relação ao aluno;
- Como a turma se organiza nos trabalhos individuais e em grupos;
- Como o aluno se dirige ao professor/monitor;
- Como é o apoio entre os alunos;
- Quais os apoios proporcionados e quais os momentos;
- Quais os recursos técnicos e tecnológicos utilizados pelo educador;
- Autonomia e independência dos educandos;
- Colaboração recíproca entre os pares.

## **Anexo C – Questionário Aplicado aos Alunos do CEEDV**

### **Universidade de Brasília – UnB**

Opinião de alunos do Centro de Ensino Especial para Deficientes Visuais

Brasília/2011

Prezado aluno,

Esse estudo tem por finalidade conhecer a relação dos estudantes com o ensino de Artes Visuais. Para que esta pesquisa alcance elevado grau de validade e fidedignidade é necessário que você descreva sua verdadeira opinião. Sua identidade não será revelada, e sua colaboração é muito importante.

1. Idade, em anos completos:
2. Há quanto tempo estuda no CEEDV:
3. O que significa arte para você?
4. Que tipo de contato você teve com a arte antes de entrar no CEEDV?
5. Você gosta das aulas de artes?
6. O que você espera que aconteça nas aulas de artes?
7. Quais são as suas dificuldades durante as aulas de artes?
8. E quais são as suas facilidades?
9. Quais materiais você prefere utilizar para fazer trabalhos manuais?
10. Você tem interesse pelo estudo do desenho?
11. Já foi realizada durante as aulas atividade relacionada ao desenho?
12. Em que você acha que o conhecimento sobre a arte pode ajudar na sua vida social?